

Adriana Negreiros

Maria Bonita

Sexo, violência e mulheres no cangaço



É pecado contra a Pátria endeusar Maria Bonita.
Trecho do relatório da Comissão Acadêmica Coronel Lucena,
designada pelo interventor de Pernambuco, Agamenon
Magalhães, sobre a operação oficial que culminou na morte
do Rei e da Rainha do Cangaço, em 28 de julho de 1938.

Prólogo

Salve Maria Bonita
Maria do capitão
Mulher forte destemida
Que viveu sua paixão

A estradinha de areia vermelha que, depois de catorze quilômetros, entrega o visitante na casa onde Maria Bonita nasceu e cresceu, em Malhada da Caiçara, na Bahia, é ladeada por três espécies de cactos típicos da caatinga: mandacaru, facheiro e xiquexique. A Serra do Umbuzeiro, formação rochosa que, vista de longe, parece um vulcão, aparece e desaparece da paisagem sinuosa, verde em períodos chuvosos e algo entre o cinza e o amarelo queimado se a seca é braba.

A habitação marrom de paredes de pau a pique é protegida por uma cerca baixa de madeira, com portão trancado a cadeado. Uma placa de ferro com sinais de oxidação anuncia que ali funciona um museu. Outra, de bronze, informa a restauração do espaço, em 2006, pela prefeitura de Paulo Afonso, cujo centro fica a 38 quilômetros de distância.

Apesar das placas, pode-se cogitar, à primeira visita, se aquele é o endereço certo. Nos arredores, um bar com as portas fechadas, onde uma mesa de bilhar jaz ao terraço, é o único indício de presença humana por ali. No entanto, alguma perseverança traduzida em gritos leva até a entrada da casa um jovem imberbe que costuma ficar com a chave do museu.

Mediante o pagamento em dinheiro vivo de uma taxa simbólica – o equivalente ao preço de uma garrafa de água mineral de meio litro –, é possível entrar no local, com o esbaforido adolescente como guia. Um caminho de pedras rústicas recentemente construído corta o gramado e conduz ao alpendre, onde um totém gigante em formato de carro de boi dá as boas-vindas ao turista.

No interior do museu, réplicas de utensílios domésticos de época tentam reproduzir o ambiente de uma casa sertaneja típica dos anos 1930 – panelas de cerâmica, canecas em ágata, facas, lampiões a gás e uma máquina enferrujada de costura. O adolescente informa que nada ali pertenceu, de fato, a Maria Bonita – com exceção de um banco de madeira, onde ela teria passado tardes românticas namorando Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, o lendário Rei do Cangaço. Enfeitam as paredes imagens de Maria Bonita e de outros cangaceiros – todas elas do fotógrafo sírio-libanês Benjamin Abraão, autor da façanha de filmar o grupo na intimidade, em 1936. Sem o crédito de Abraão, as fotografias são identificadas em tiras de folha de caderno pautado, coladas com fita adesiva, onde se lê, em caligrafia sem capricho, os nomes dos integrantes da imagem.

A despeito da precariedade, o Museu Casa de Maria Bonita é um dos pontos altos de quem visita a cidade de Paulo Afonso, município ao qual hoje pertence Malhada da Caiçara, em busca de informações sobre a cangaceira mais ilustre da história do Brasil. Outro destino obrigatório é a estátua em pedra talhada de Maria, na praça das Mangueiras, no centro da cidade, do escultor José Faustino. No largo, transeuntes interrompem a caminhada para tirar selfies ao lado da figura idealizada da personagem: cenho fechado, com ares de valentia, a despeito de Maria ter sido uma mulher risonha; rifle posicionado na vertical, diante do corpo,

embora Maria só portasse armas de pequeno porte — e, ao que conste, nunca tenha dado um tiro.

A forma como Paulo Afonso homenageia Maria Gomes de Oliveira, a Maria Bonita, é uma metáfora da maneira dúbia como ela entraria para a história: por um lado, como se vivesse permanentemente à sombra do marido, despertou pouco interesse por parte de contadores da história do cangaço, fenômeno do banditismo rural que teve na figura de Lampião a sua mais famosa expressão. Os jornais dos anos 1930, apressados em narrar as crueldades e ações espetaculares do Jaguar do Nordeste, não consideravam a existência de sua esposa digna de pauta. A memória da Rainha do Cangaço na imprensa da época é imprecisa, precária e fantasiosa.

Esse obscurecimento não impediu que, por outro lado, Maria Bonita fosse ganhando ares de mito depois de sua morte. A lacuna de informações sobre a vida não apenas dela, mas também dos outros cerca de quarenta jovens do bando — bem como as entrevistas em que repórteres ávidos por boas manchetes estimulavam o espírito inventivo de suas fontes, notadamente ex-cangaceiros —, contribuiu para que se criasse a fantasia de uma impetuosa guerreira, hábil amazona do sertão, uma Joana d'Arc da caatinga. Perpetuou-se a falsa ideia de que, no cangaço, homens e mulheres tinham direitos iguais. Produziu-se um sem-número de versões sobre sua existência bravia, disseminadas pela literatura de cordel, pelos livros e pela televisão. Essa versão romântica e justiciera de Maria Bonita, rapidamente apropriada pela indústria cultural, tornou-se um produto de forte apelo comercial — e expandiu seus limites para muito além das fronteiras do sertão.

O cruzamento do número 754 da Quinta Avenida com a 58th Street, em Nova York, é tido pelos amantes da moda como uma das

mais icônicas esquinas fashion do mundo. Trata-se da localização da Bergdorf Goodman, loja de artigos de luxo que comercializa peças de designers badalados como Manolo Blahnik, Giorgio Armani e Karl Lagerfeld. Foi nessa loja que, no início dos anos 1970, a atriz Elizabeth Taylor comprou duzentos casacos de vison brancos para os agraciados de sua lista de Natal. No mesmo local, pouco tempo depois, o beatle John Lennon e sua esposa, a artista plástica Yoko Ono, gastariam 400 mil dólares em peles de uma só vez.¹

Na tarde de 18 de novembro de 1970, nesse endereço de ostentações, Maria Bonita e suas companheiras de cangaço foram representadas por esbeltas modelos em trajes de verão. No quinto andar do prédio, a estilista mineira Zuzu Angel apresentava as peças de sua International Dateline Collection I, com referências a Lampião e a Maria Bonita. Acomodadas em um salão acarpetado, com cortinas e espelhos, as mais elegantes senhoras de Manhattan acompanhavam, com curiosidade, o exotismo daqueles trajes compostos por chapéus de feltro, cartucheiras de tiras de couro cruzadas na altura do peito e vestidos acinturados com mangas bufantes.

“São vestidos com impressões extravagantes que [Zuzu Angel] dedica a Lampião e sua namorada, Maria Bonita, bandidos lendários dos anos 1920, espécie de Bonnie e Clyde brasileiros”, escreveu Bernardine Morris, uma das mais conceituadas críticas de moda da história do *New York Times*. Bonnie e Clyde, renomado casal fora da lei que comandou uma quadrilha de assaltantes nos Estados Unidos nos anos 1930 (década em que as mulheres entrariam no cangaço, ao contrário do que informou a jornalista americana), seriam, nos anos seguintes, frequentemente comparados aos bandoleiros brasileiros.²

Na minissérie da TV Globo *Lampião e Maria Bonita*, de 1982, Nelson Xavier e Tânia Alves viveram o casal de cangaceiros e

transformaram sua vida de crimes em uma bela história de amor ao estilo dos salteadores americanos. Com essa interpretação romanceada, a história foi vendida para Guatemala, Itália, Irlanda, Peru, Portugal e Uruguai. Em uma das cenas, passada em uma aconchegante tenda de onde se ouve delicado som de sanfona, o casal tergiversa enquanto se prepara para o amor — com pausas para longos beijos — sobre o sentido do enamoramento, a existência do céu e do inferno e o destino que os aguarda. “Quando a gente morrer, será que as pessoas vão se lembrar?”, indaga a personagem de Tânia Alves.³

A partir da década de 1990, Maria Bonita passaria a ser lembrada, com frequência, todo 8 de março, quando se comemora o Dia Internacional da Mulher. Em mais uma das inúmeras lendas que cercam sua figura, poetas populares e memorialistas estabeleceram que aquela seria a data de nascimento da cangaceira. Em *O espinho do quipá: Lampião, a história*, livro publicado em 1997 em coautoria com o pesquisador Antônio Amaury Corrêa de Araújo, a neta de Lampião e Maria Bonita, Vera Ferreira — ela é filha de Expedita Ferreira, única filha do casal —, cravou a data de 8 de março de 1911. Desse modo, o aniversário da cangaceira soaria como uma predestinação.

Em 2011, ano em que se registraram diversas comemorações pelo suposto centenário de Maria Bonita, um pesquisador de Paulo Afonso, o sociólogo Voldi Ribeiro, localizou o assentamento do batismo de Maria Gomes de Oliveira na paróquia de São João Batista de Jeremoabo. No documento, consta a data de nascimento da criança: 17 de janeiro de 1910. A Rainha do Cangaço, portanto, nasceu no mesmo dia em que, 54 anos depois, viria ao mundo Michelle Obama, futura primeira-dama dos Estados Unidos.

Múltiplas narrativas à parte, Maria Bonita é, sem dúvidas, a mulher mais importante do cangaço. Ao contrário de Dadá, esposa do cangaceiro Corisco, que morreria em 1994 e deixaria sua vida registrada em livros, filmes e centenas de entrevistas para rádios, jornais e televisão, a história de Maria Gomes de Oliveira é contada apenas por terceiros. As lacunas em torno de sua trajetória, embora dificultem a reconstituição dos fatos, não diminuem sua influência. A coragem de desfazer um casamento falido para acompanhar o homem que desejava e a disposição para enfrentar fome, sede e perseguição policial em nome de um grande amor inspiraram gerações de mulheres por décadas. Apesar de esconder o fato de que as cangaceiras eram submetidas a violências constantes na esfera doméstica e privada — embora vivessem ao ar livre do sertão —, essa mitificação não diminui o caráter transgressor da figura de Maria Bonita. Aqueles eram os anos 1930, e mulher decente não abandonava marido, quanto mais para fugir com cangaceiro.

Maria Bonita virou nome de grife de moda, música, centenas de pousadas e restaurantes espalhados pelo Nordeste, salões de beleza, academias de ginástica, cerveja, pizza, assentamento rural, bandas de forró e coletivos feministas. Transformou-se em uma marca poderosa.

No entanto, enquanto a mulher de Lampião viveu, a personagem nunca existiu. A cangaceira que teve a cabeça decepada em 28 de julho de 1938 era simplesmente Maria de Déa: uma jovem de 28 anos que morreu sem jamais saber que, um dia, seria conhecida como Maria Bonita.

1

Meu Padim Pade Ciço
Me clareie a inspiração
Pra falar de uma mulé
Arretada feito o cão

Na pequena casa de reboco de Malhada da Caiçara, onde moravam os pais de Maria Gomes de Oliveira, o enfadonho das tardes do sertão da Bahia era quebrado, pelo menos uma vez por mês, pela visita enfurecida da filha de dezoito anos.

Casada desde os quinze com um primo seis anos mais velho, o sapateiro José Miguel da Silva, a jovem Maria enfrentava uma incontornável crise conjugal. O casal vivia em Santa Brígida, um distrito da próspera cidade de Jeremoabo, perto de Santo Antônio da Glória, município ao qual pertencia Malhada da Caiçara. Ali, o marido se dedicava a remendar bicos finos, tiras de alpercatas e saltos altos. Consta que, depois de largar o serviço, Zé de Neném, como era conhecido, raramente ia ao encontro da mulher. Preferia se entregar aos prazeres da noite, especialmente aqueles ofertados nos disputados arrasta-pés santa-brigidenses. Exímio dançarino, encontrava facilidade para arregimentar parceiras para o forró. Tinha especial dom para conduzir uma dama, tomando-a pela cintura e gingando com desenvoltura ímpar.

Neném podia não ser um homem afamado pela beleza, mas tinha distinção, a julgar pela única fotografia sua que chegaria à

posteridade. Em ocasiões especiais, como um ensaio fotográfico, vestia-se com galhardia: camisa com colarinho inglês, blazer de abotoamento duplo — com o último botão aberto, conforme as regras de elegância — e chapéu-panamá com a aba ligeiramente caída sobre o rosto. Neném também não era famoso por ser um galanteador discreto, fazia pouca ou nenhuma questão de esconder suas aventuras extraconjugaís. Em certa ocasião, a esposa teria feito um escândalo ao encontrar, no bolso do marido, um pente feminino, cuja proprietária seria uma formosa garota de Santa Brígida, na flor de seus treze anos. Quando o caso era assim mais grave, Maria podia passar incontáveis noites longe de casa — muitas vezes depois de enfrentar a fúria do marido que, aborrecido com os protestos da esposa, tentava lhe calar com tapas e socos.¹

O pai de Maria, o agricultor José Gomes de Oliveira — conhecido como Zé de Felipe —, não negava teto à filha, mas evitava dar muito cartaz a seus queixumes. Naquele crepúsculo da década de 1920, sobretudo no sertão, ciscar fora do terreiro era algo não apenas aceito, como praticamente esperado de um homem. Seu Zé de Felipe sempre fizera gosto naquele relacionamento. Considerava Neném um genro promissor, homem com profissão definida, capacitado para dar segurança e sustento à família.

Já a mãe, Maria Joaquina Conceição de Oliveira — ou dona Déa, como todos na vizinhança a chamavam —, tinha lá suas reservas a Zé de Neném. Aos olhos da sogra, além de assanhado, o rapaz era um frouxo, a ponto de certa vez ter pulado longe quando Maria, só de traquinagem, jogou uma cobra morta a seus pés.² Também não o considerava varão o bastante, uma vez que ainda não engravidara a esposa. Naqueles tempos, a virilidade masculina estava fortemente associada ao tamanho da prole. Por não ter filhos, Zé de Neném era um homem fraco para muitos

de seus contemporâneos, incapaz de satisfazer a mulher. Ainda mais uma mulher como Maria.

Morena clara, cabelo e olhos castanhos, nariz afilado, lábios finos e 1,56 metro de altura, a esposa de Neném possuía um atributo em alta conta nas veredas nordestinas: um par de coxas grossas, cuja robustez se podia antever pelos tornozelos rotundos que os vestidos cortados abaixo dos joelhos deixavam à mostra.³ Embora, na época, o arquétipo urbano de elegância contemplasse corpos esguios como o da canadense Mary Pickford – que ganharia, em 1930, seu segundo Oscar de melhor atriz pela atuação no filme mudo *Coquete* –, as garotas mais cobiçadas do sertão eram as bem fornidas. As pernas fortes de Maria compensavam alguns de seus predicados pouco favoráveis, como certo achatamento da região glútea e os pés grandes e esparramados.⁴

Segundo o livro 1909/15 da paróquia de São João Batista de Jeremoabo, Maria Gomes de Oliveira nasceu no dia 17 de janeiro de 1910 e foi batizada faltando poucos dias para completar oito meses de idade, no feriado de 7 de setembro do mesmo ano.⁵ Um hábito da região estabelecia que, ao primeiro nome de uma criança, acrescentava-se, informalmente, o do pai ou da mãe. A menina logo se tornou Maria de Déa, em referência à mãe. Pelo mesmo motivo, Zé de Neném e Zé de Felipe eram chamados dessa maneira.

Sertanejos simples, com pouca instrução e recursos modestos, seu Zé de Felipe e dona Déa tiravam o sustento da família do plantio de milho, feijão e mandioca, além da criação de poucos e esquálidos bodes, cabras e vacas. Ao longo da vida, precisariam dar duro na roça para alimentar outras doze bocas, além das próprias. Maria foi a segunda filha do casal. Eles também eram pais